

Conversações Pretória- -Maputo



«Pik» Botha



Samora Machel

A VER SE NOS ENTENDEMOS...

Algo de novo poderá surgir, nos dias mais próximos, na história das relações entre os países da África Austral. Se Moçambique e a África do Sul conseguirem entender-se sobre

questões básicas de segurança que garantam o relançamento da economia e do turismo entre os dois países, o realismo político marcará pontos sobre a ideologia. Tarefa espinhosa.

O drama das relações entre Moçambique e a África do Sul é simplesmente o de dois países governados por sinais ideológicos opostos, mas condenados a viver paredes-meias numa das zonas mais melindrosas do globo. Sobretudo, condenados a entenderem-se sobre questões básicas, como sejam a segurança e as relações económicas.

Ambos têm a ganhar: a África do Sul, porque de Moçambique lhe vem grande parte da agitação guerrilheira do Congresso Nacional Africano (ANC), a par da mão-de-obra para as minas do Transval; Moçambique, porque do seu poderoso vizinho vem o apoio aos rebeldes da Resistência Nacional Moçambicana e o ouro da emigração.

Entre Moçambique e a África do Sul existe assim a relação por vezes ambígua e certamente equívoca de dois países que se detestam por razões ideológicas mas que não podem viver um sem o outro por razões sociais e económicas.

O realismo dos dirigentes políticos não poderia deixar de ser sensível a esta situação geradora de paradoxos e cedo se compreendeu que o melhor a fazer seria procurar acordos para além das discrepâncias básicas dos dois regimes, separando o plano político-ideológico da realidade objectiva, de todos os dias.

Não é de estranhar que tal realismo surja nos dirigentes sul-africanos: afinal, eles gerem um país praticamente cercado, sobre o qual, ao longo dos anos e à medida que a descolonização avançava, se foi fechando uma «cintura» hostil de novos países plenos de fervor revolucionário. O simples bom senso mandaria que Pretória se não encerrasse em qualquer «bunker» e antes procurasse negociar a sua força em troca da contenção dos ímpetus contrários.

Um pouco mais estranho poderá parecer no caso de Moçambique, o estreitamento de relações que as conversações implicam e

até procuram. Afinal de contas, a luta da FRELIMO, como a das suas congéneres, sempre teve muito de cruzada contra o «apartheid», contra o domínio das minorias brancas na África Austral de que a República da África do Sul é o expoente a abater.

Assegurar um «modus vivendi»

Samora Machel é, no entanto, um homem que vem demonstrando ter o sentido das realidades e da justa medida do proselitismo. Neste momento, ele sabe que o combate ideológico não pode ofuscar outro mais premente, que é o combate à desagregação económica e social que as sucessivas crises vêm acentuando. Embora não faça tensão de esquecer as metas ideológicas, trata-se neste momento de assegurar um «modus vivendi» que permita a cada um olhar um pouco mais descansado para os respectivos problemas.

As conversações que agora se iniciam vêm na sequência de contactos abertos em Dezembro de 1982, e prosseguidos por duas vezes: em Maio de 1983 e há poucos dias, na Suazilândia, em preparação desta nova ronda de contactos interministeriais. Pelo meio aconteceram algumas crises, como o ataque sul-africano à Matofa a meio do ano passado, que apenas vieram reforçar a necessidade de um entendimento.

Um projecto ambicioso

Quatro áreas serão debatidas por outras tantas comissões: Segurança, Relações Económicas, Cabora Bassa e Turismo. Um programa que muitos consideram demasiado ambicioso para o estado actual das relações entre os dois países. Um programa no qual, pelo menos, os três últimos pontos estarão bastante dependentes do primeiro.

É que tudo passa pela efectiva resolução das questões relacionadas com a actividade

do ANC e da RNM. Cada um dos movimentos dispõe de apoios, respectivamente em Moçambique e na África do Sul, que lhes permitem uma base logística para lançamento de acções de guerrilha do outro lado da fronteira. Embora tanto Pretória como Maputo neguem publicamente a permissão da actividade política e militar dos dois movimentos dentro do seu território, a verdade é que estão longe de os hostilizar.

Assim, procurar-se-á encontrar «meios práticos que conduzam à eliminação de todas as formas de subversão e violência entre os dois países», segundo as palavras do ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha. Esta procura tenderá a desembocar num eventual acordo sobre segurança a assinar entre Maputo e Pretória, acordo esse que, se não significaria retirar por completo o apoio aos movimentos em causa, poderia esbater seriamente a sua actividade.

Ninguém se ilude, no entanto: mesmo com um tal acordo, a chama do ANC e da RNM continuará a arder, mesmo que em luma brando, de ambos os lados da fronteira. São trunfos de que não convém abrir mão, seja por princípio ideológico, seja como medida preventiva.

De tudo isto dependerá entretanto a renegociação de um acordo de fornecimento de energia da barragem de Cabora Bassa à África do Sul. As longas linhas de transporte que descem de Tete, atravessando as imensas savanas do sul de Moçambique têm sido alvo das sabotagens da Resistência Nacional Moçambicana. A eventual cessação desses ataques poderá ser uma contrapartida a oferecer a Maputo.

Os fortes laços económicos

Por outro lado, as relações económicas e comerciais entre os dois países não cessaram com a independência moçambicana, e mantiveram-se mesmo nos momentos de maior tensão. Nem poderia ser de outro

modo, sob pena de causar profundos prejuízos a ambos os lados.

Neste campo, Moçambique auferiu grandes proventos da emigração de trabalhadores para as minas de ouro e diamantes sul-africanas — os conhecidos «magaíças» que, aos milhares, demandam todos os anos as terras do Transval. Este fluxo migratório, com profundas e antigas raízes, marcou indelevelmente o panorama económico e social de todo o sul moçambicano e da própria África do Sul. Em sentido inverso, os portos moçambicanos sempre foram um precioso ponto de escoamento para o «hinterland» sul-africano, que Pretória tem todo o interesse em manter e até incrementar.

No complexo mosaico da África Austral, estas conversações poderão fornecer um dado novo, que modifique espectacularmente as relações e as linhas de força existentes.

Do lado moçambicano, entretanto, afirma-se que elas em nada prejudicarão a acção de Maputo no seio da SADCC (Conferência Coordenadora para o Desenvolvimento da África Austral), organismo que procura reduzir a hegemonia da África do Sul naquela região do continente. Por mais importantes que sejam, os eventuais acordos não desviarão Moçambique das suas grandes linhas programáticas de combate ao racismo e «apartheid», nem implicarão o apoio à política de «bantustões» praticada pelo regime de Pretória.

Para este, trata-se de aliviar a pressão; para Moçambique, de criar condições para uma tarefa prioritária: o combate ao subdesenvolvimento, à fome, às doenças endémicas, ao analfabetismo — metas que Samora Machel traçou para a década actual. Se o realismo imperar à mesa das negociações, algo de novo poderá surgir na África Austral.

José Pedro Barreto